

PERCEPÇÃO E LINGUAGEM EM MAURICE MERLEAU-PONTY

MELLO, Érica Vanessa*

CASADEI, Gabriela Macedo*

MINARDI, Marcela Zamboni*

MIRANDA, Mayara F. Aguiar*

RESUMO

Este artigo tem como tema a fenomenologia da percepção e da linguagem apontando seus métodos na busca do conhecimento. O modo da linguagem expressiva pelo qual o sujeito falante adquire o sentido que quer exprimir e também um ideal de pensamento anterior à linguagem. Não atua no sentido de encontrar determinada palavra para um significado pronto promovendo uma correspondência certa. Não está em seu poder comparar o que quer exprimir com os meios de expressão, mas persiste na transformação, nos gestos e palavras adequadas a sua realização.

Palavras chaves: percepção, linguagem; significado e expressão.

ABSTRACT

This article focuses on the phenomenology of perception and language pointing their methods in pursuit of knowledge. The mode of expressive language by which the subject acquires the speaker wants to express that sense and also an ideal of thought prior to language. Noo works to find a particular word meaning ready to promote a certain correspondence. Not in their power to express what you want to compare with the means of expression, but persists in the processing, gestures and words appropriate to their achievement.

Key words: perception, language; mening and expression.

* Discentes do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça - SP.

*Orientadora Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça- SP.

1 - INTRODUÇÃO

O assunto abordado neste artigo é a fenomenologia da percepção e da linguagem, e seus métodos na busca do conhecimento. Centramos nossa pesquisa na questão da percepção e da linguagem, considerando o nosso objetivo de buscar adiante algumas articulações com a literatura e o conceito do corpo vivido ou corpo sensível, que é fundamental no projeto merleau-pontyano: sujeito e objeto, corpo e mundo, de onde irão emergir os sentidos fundamentais de toda experiência.

Quanto à linguagem, é este aparelho singular que, como nosso corpo, possibilita o que nós aprendemos em nosso pensamento ao falar, seja quando nós escutamos o que os outros falam. Na linguagem, as significações criam uma pluralidade de sentidos que sempre ultrapassam os significantes, a partir de um código de expressão na busca da percepção perdida. (DINIS, 2003, p. 58).

Segundo este autor, o que há antes da fala é apenas uma intenção significativa, uma necessidade muda, em que o destino é a palavra como seu acabamento, certo vazio que busca completar-se na medida em que a intenção de comunicar tende à expressão. A intenção significativa em mim (como também no ouvinte que a reencontra ao me escutar), mesmo que deva em seguida frutificar-se em “pensamentos”, no momento é apenas um vazio determinado a ser preenchido pelas palavras.

A linguagem expressiva é o modo pelo qual o sujeito falante adquire o sentido que quer exprimir. A fala e o pensamento estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido. (MERLEAU-PONTY, 1984). O autor pontua que as dificuldades são superadas através da atribuição de um sentido à palavra, o exprimido não existe antes da expressão, se pressupõe significações dadas antes da expressão, também um ideal de pensamento anterior à linguagem.

Por isso Merleau-Ponty compara a expressão da linguagem com a expressão da arte, com a pintura, na qual se reconhece mais facilmente que o exprimido não é existente antes da expressão (MERLEAU-PONTY, 1984).

Ele esclarece a comunicação pela palavra, buscando no corpo não só a compreensão do problema da linguagem, mas também o entendimento de uma

questão mais abrangente, a expressão. Segundo ele, há mesmo um modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto corporal; pontua que não haveria um signo natural no homem e, neste sentido, não é possível reduzir suas aquisições à ordem de uma natureza humana. É irrelevante a distinção entre o que é natural e o que é construído; todas as condutas estão fundamentadas em um ser biológico, mas, ao mesmo tempo, não se definem exclusivamente pelas estruturas anatômicas e fisiológicas que habitam.

O corpo é a expressão de uma conduta e, ao mesmo tempo, criador de seu sentimento a partir de uma intenção que se esboça e reclama a sua complementação. Antes da expressão, há apenas uma ausência determinada que o gesto ou a linguagem procura preencher e completar. (FURLAN; BOCCHI, 2003).

Objetivo

Um dos muitos motivos que nos levou a realizar os estudos do tema abordado foi a necessidade de sabermos mais o que é a fenomenologia da percepção e da linguagem, e seus métodos na busca do conhecimento. Isto com a finalidade de descrever as características fundamentais do mesmo, articulando-a ao conceito de corpo vivido, nosso foco principal.

Metodologia

Realizaremos pesquisas em livros, sites de pesquisas a fim de encontrarmos subsídios para o desenvolvimento do artigo.

O CORPO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY

A expressão é um fenômeno que não depende do eu penso, mas do eu posso, afirma Merleau-Ponty (1984). O que há antes da fala é apenas uma intenção significativa, uma necessidade muda, cujo destino é a palavra como seu acabamento. Entre o sentido mudo e as palavras haveria uma lacuna, um certo vazio que busca completar-se na medida em que a intenção de comunicar tende à expressão. Merleau-Ponty define a linguagem expressiva

como um modo pelo qual o sujeito falante adquire o sentido que quer exprimir. Em outros termos, o pensamento não é exterior à expressão, tampouco ele existe antes que ela se concretize, seja, em palavras, gestos, sons ou cores.

Furlan e Bocchi (2003) consideram que Merleau-Ponty critica teorias da linguagem e, sua tese da recusa de uma exterioridade entre significante e significado visa a afastar qualquer hipótese que opere uma cisão entre a fala e o pensamento. Segundo Merleau-Ponty: "eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido". (apud FURLAN; BOCCHI, 2003).

Segundo Detoni (2001), as dificuldades que decorrem das teorias baseadas na exterioridade, mais uma vez, são superadas através da atribuição de um sentido à palavra. Na concepção merleau-pontyana, aquilo que se exprime se constitui na expressão, não sendo anterior a esta, tampouco separável dela. E o exprimido não existe antes da expressão, eles são inseparáveis.

Nas teorias que consideram uma relação exterior entre signo e significado, pressupõem-se significações dadas *antes* da expressão. Pressupõe-se, também, um ideal de pensamento anterior à linguagem. Então, o sujeito falante não atua no sentido de encontrar determinada palavra para uma significação pronta e acabada, promovendo, assim, uma correspondência exata. Não está em seu poder comparar o que quer exprimir com os meios de expressão. Mas, antes, ele é perseguido por um sentido vago, insistente e sem nome, que se movimenta, persiste, até se transformar e se encontrar nos gestos, e nas palavras adequadas à sua realização. Por isso Merleau-Ponty compara a expressão da linguagem com a expressão da arte, notadamente, com a pintura, na qual se reconhece mais facilmente que o exprimido não existe antes da expressão (MERLEAU-PONTY, 1984).

Segundo Furlan e Bocchi (2003), a proposta merleau-pontyana de abordar a linguagem em sua origem não configura, de modo algum, um recuo cronológico às etapas primitivas da comunicação. O retorno à origem da linguagem é, na verdade, um recurso metodológico que visa a problematizá-la através de uma volta à sua dimensão pré-reflexiva e fundamental. Segundo estes autores, Merleau-Ponty, nesse sentido, lança mão de um dos princípios fundamentais do pensamento fenomenológico, princípio este que, desde os

primeiros passos da Fenomenologia fora tão solicitado e recomendado por Edmund Husserl, cuja preocupação iminente era a necessidade de um recomeço, um retorno às coisas mesmas. Nesse sentido, Merleau-Ponty quer, sobretudo, recuperar o movimento primordial do ato expressivo, o que corresponderia à língua em estado nascente, no instante em que ela mesma se realiza enquanto expressão. Ele se reporta ao problema da linguagem enquanto língua *falada* ou *vivida*, tomando-a sob a perspectiva daqueles que a vivenciam, os *sujeitos falantes*. Assim, Merleau-Ponty está se referindo ao que é, para ele, uma das prioridades no estudo do problema linguístico: o ato da fala _ o verdadeiro movimento de expressão.

Por sua vez Diniz (2003) pontua que o retorno ao sentido do fenômeno da fala conduz à crítica de duas abordagens tradicionais, duas concepções que ainda estão presas à dicotomia sujeito-objeto e que foram, a princípio, influenciadas pelo pensamento cartesiano. Trata-se das concepções empirista e idealista - imbuídas dos vieses do objetivismo e do subjetivismo, respectivamente - que em seu intento de explicitar o fenômeno linguístico não tiveram êxito em mostrar a autêntica dimensão expressiva da linguagem. Por isso considera Diniz (2003) considera que o trabalho merleau-pontyano começa por uma revisão das tradições empirista e idealista. Como resultado desta tarefa crítica, o autor aponta um fator comum às duas abordagens: ambas negam um sentido à palavra.

Furlan e Bocchi (2003) definem que Merleau-Ponty diferencia, nesse sentido, uma *fala falante* de uma *fala falada*. A primeira celebra o ato instituinte e criativo da linguagem, isto é, aquele momento em que ainda não se sabe exatamente o que vai ser comunicado, mas já existe um querer dizer. A *fala falada*, por sua vez, constitui a base da comunicação social, porque é o próprio saber sedimentado na linguagem. Instalada no seio de uma cultura, a linguagem instituída é precursora da fala. Todavia, o fator decisivo no fenômeno expressivo não é este legado da linguagem, mas como ele é assumido para promover novos significados. Na *fala falante*, a aquisição cultural se mobiliza em benefício da expressão: para exprimir, o sujeito utiliza-se das significações disponíveis em seu meio simbólico, aquelas que foram instituídas, a seu tempo, pela mesma operação expressiva.

Merleau-Ponty (1984) recorrerá ao gesto para esclarecer a comunicação pela palavra, buscando no corpo não só a compreensão do problema da linguagem, mas, também, o entendimento de uma questão mais abrangente, a expressão. Segundo ele, há um mesmo modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto corporal. Ele afirma:

“A ciência, abordando a linguagem como pura emissão de sons, e a filosofia, encarando a linguagem como expressão imperfeita do pensamento, nunca alcança a dimensão expressiva da linguagem porque analisam a linguagem separada do pensamento, sendo que é impossível pensar pensamento sem linguagem ou linguagem sem pensamento. O real quando abordado de forma reducionista torna impossível qualquer atividade descritiva e a percepção revela o mundo como transcendente aos nossos reducionismos. Porém, a pintura e a linguagem, utilizando como veículo a percepção, procuram nos colocar em contato com o ser bruto, pré-tético, anterior aos nossos reducionismos. Elas nos revelam um real além e aquém dos fatos e ideias. A pintura, neste ponto de vista, também já não é mais representação”. (apud DINIZ, 2003).

Neste quadro, o corpo é a expressão de uma conduta e, ao mesmo tempo, criador de seu sentido a partir de uma intenção que se esboça e reclama a sua complementação.

Segundo Dinis (2003), Merleau-Ponty considera necessário, para a compreensão da problemática da linguagem, um retorno à sua origem ou recuperação de seu movimento expressivo primário, no qual, a uma só vez, ela ultrapassa e limita o sentido esboçado na percepção (limita no sentido de explorar uma direção de sentido em detrimento de outras possíveis). A percepção é o sentido que inaugura a abertura para o mundo, como a *projeção de um ser para fora de si*; a linguagem prossegue esta abertura de mundo na medida em que retoma, transforma e prolonga as relações de sentido iniciadas na percepção. O autor acrescenta que Merleau-Ponty (1994) recorrerá ao

gesto para esclarecer a comunicação pela palavra, buscando no corpo não só a compreensão do problema da linguagem, mas também o entendimento de uma questão mais abrangente, a expressão.

Segundo Furlan e Bocchi (2003), há um mesmo modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto corporal. Apreende-se o significado da palavra assim como se apreende o sentido de um gesto:

“... eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera”. (FURLAN; BOCCHI, 2003, p. 251).

Segundo Detoni (2001), isto não quer dizer, porém, que Merleau-Ponty simplifique a análise do gesto, reduzindo sua compreensão a um imediatismo da percepção, como se os gestos fossem objetivamente dados na experiência do sujeito. Ele afirma:

“Todavia, o sentido do gesto não é percebido do mesmo modo que, por exemplo, a cor do tapete. Se ele me fosse dado como uma coisa, não se vê por que minha compreensão dos gestos se limitaria, na maior parte das vezes, aos gestos humanos”.

O sentido dos gestos não é dado, mas compreendido; toda dificuldade é conceber bem esse ato e não confundir-lo com uma operação do conhecimento.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este artigo, definimos como objetivo buscar o conceito do corpo vivido. Este foi atingido na medida em que pudemos compreender que o corpo vivido enquanto fenômeno e não enquanto coisa é portador de uma capacidade singular de apreender o sentido de outra conduta, seja o sentido do gesto ou da fala do outro. Ressaltamos que Merleau-Ponty pontua que eu só consigo compreender a intencionalidade do outro, porque através do meu corpo posso torná-la minha.

Segundo a literatura consultada, o corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras, cuja apreensão está na reciprocidade de comportamentos vividos na dimensão social. O corpo é intencionalidade que se exprime, e que secreta a própria significação, melhor dizendo, a análise do corpo põe à mostra o vínculo entre expressões e exprimido; é a expressão de uma conduta e criador de seu sentido a partir de uma intenção que se esboça e reclama a sua complementação.

Por último queremos ressaltar que o caráter fundador da linguagem se mostra nas relações ambíguas entre fala e pensamento, sentido e palavra, significante e significado. Esta ambiguidade, presente em todas as formas de linguagem, constitui a natureza do fenômeno expressivo, revelando a abertura de nossa faticidade originária ao mundo e a nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DETONI A. R. Expressão gráfica e conhecimento sobre a percepção espacial. **Revista Escola Minas** v. 54. Ouro Preto jan/mar., 2001.

DINIS, N. F. Na busca da percepção perdida: caminhos merleau-pontyanos em Clarisse Lispector. **Revista de Letras**, n. 59, Curitiba. 2003, p. 47 - 59.

FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. Percepção linguagem em Maurice Merleau-Ponty – o corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudo de Psicologia**, v. 8, n. 3, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2003.

PONTY, M. M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Seleção de Marilena Chauí, 1984.